

Tenente sul-africano contra o "apartheid"

SEGUNDO os padrões ditados pelo *apartheid*, o tenente Gerald Andreas Eckert tinha tudo para continuar a desfrutar de uma vida sem maiores problemas. Branco, médico contratado pelas Forças Armadas, do ponto de vista material e até ideológico nada o impedia de comportar-se como milhares de jovens da sua idade, calvinistas, alenados e racistas. No final de Maio, no entanto, uniformizado e munido de uma pistola de serviço, simplesmente cruzou a fronteira com Moçambique em busca de asilo político.

Logo que a notícia veio a público, o Comando-Geral das Forças de Defesa, através de informações postas a circular em Pretória, preferia dá-lo como desaparecido. Mais tarde lançou uma série de insinuações quanto ao seu comportamento pessoal — o tenente professaria "pontos de vista morais e políticos liberais" —, como medida prévia ao reconhecimento da atitude de Eckert. A partir deste momento a decisão de exilar-se seria explicada pelo governo como unicamente motivada por questões disciplinares.

O militar não concorda com nenhuma destas versões. *Detesto e odeio o regime racista sul-africano, porque ele é cem por cento contra a minha maneira de pensar* — resumiu ele perante enviados de emisoras de televisão, agências noticiosas e publicações de vários países. No decorrer do encontro iria insistir em que o que estava na base do seu gesto era todo um problema de consciência. Antes de mais nada, havia o desconforto de gozar de privilégios negados à maioria esmagadora da população.

Sem mostras de nervosismo, foi bastante objectivo e sucinto nas suas respostas. Referindo-se, por exemplo, ao moral das Forças Armadas no combate ao Congresso Nacional Africano no interior da África do Sul, disse que ele é alto e existe também um grau elevado de disciplina, na medida em que são constituídas por brancos doutrinados para odiar o ANC. O mesmo tipo de disposição existiria entre os militares enviados para a Namíbia. Ao abordar as consequências das operações contra os povos namíbio e angolano, declarou que o trabalho realizado no centro que recebia feridos de guerra lhe permitia afirmar que o número de baixas e vítimas mortais vai muito além do que o governo normalmente divulga.

A intenção de Gerald Eckert é permanecer em Moçambique, caso lhe seja concedido asilo político, trabalhando na sua profissão. Sem qualquer hesitação, adiantou que as informações que detém sobre os serviços médicos das Forças de Defesa sul-africanas se encontram à disposição das autoridades de Maputo. Embora admitindo que Pretória possa tentar uma represália pela sua fuga, descartou a ideia de que um intento desta natureza venha a ter êxito.

cadernos de

42 terceiro mundo (54) Junho de 1983



Foto de Manuel Antunes

"Gostaria de dizer aos oficiais das Forças de Defesa sul-africanas e aos brancos em geral que me considerem um exemplo para eles. Esta é uma forma de lutar contra o apartheid. A causa do apartheid não tem sentido nem cabimento" — mensagem gravada pelo tenente Gerald Andreas Eckert e dirigida à África do Sul.

Contando actualmente 24 anos de idade, nasceu na Alemanha Federal, em Mannheim, e emigrou aos 7 anos com a família para a África do Sul, onde os seus pais se estabeleceram como comerciantes de tecidos. Estudou medicina em Port Elizabeth, tendo ingressado no hospital militar de Voortrekkerhogr, Pretória, em 1982. A biografia de Eckert inclui ainda divórcio da sua primeira mulher, da qual tem uma filha de 11 meses.

Na tarde do dia 27 de Maio, o jovem tenente deixou Pretória no seu Toyota Corolla 6000, alcançando Komatiport à noite. Quando chegou às proximidades da linha divisória entre os dois países, abandonou o veículo e atravessou a cerca de arame farpado. No dia seguinte, às 7.30 da manhã, entregou-se a uma patrulha das Tropas de Guarda Fronteira. Uma das suas primeiras declarações, já em Moçambique: — *Quero demonstrar com o meu gesto que há muitos indivíduos brancos, no Exército sul-africano, que estão contra o regime minoritário e racista.* (E. H.)